
**A fase inicial da Rádio Mayrink Veiga (década de 1920):
uma reconstrução histórica a partir da imprensa da época⁷⁷**

Paloma da Silveira FLECK⁷⁸
Luiz Artur FERRARETTO⁷⁹

RESUMO

Este artigo se propõe a resgatar a história inicial da Rádio Mayrink Veiga, na década de 1920, com base em pesquisa realizada nos meios impressos da época. A bibliografia existente registra a fundação da emissora em 1926. No entanto, foram encontrados registros em jornais anteriores a esta data, com descrição da programação da emissora, identificada, naquele momento, como “Estação Mayrink Veiga”. Considerando-se a vigência da fase de implantação do rádio (FERRARETTO, 2012), apresenta-se um mapeamento desses achados, procurando analisá-los em relação ao contexto de então.

PALAVRAS-CHAVE: Mayrink Veiga; rádio; história do rádio; fase de implantação; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This article proposes to rescue the initial history, in the 1920s, of Radio Mayrink Veiga based on research on newspapers of this time. The existing bibliography relates the foundation of the Radio in 1926. However, records from newspapers were found prior to this date, with a description of the station's broadcast schedule, whose name at the time was “Mayrink Veiga Station”. Considering the validity of the radio's implementation phase (FERRARETTO, 2012), a mapping of these findings is presented and analysed in relation to the context of that time.

KEYWORDS: Mayrink Veiga; radio; history of radio; radio's implementation phase; Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

⁷⁷ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior – 14ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa *Dos Hertz aos bytes, uma história do rádio no Brasil*, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

⁷⁸ Estudante de Jornalismo e bolsista de iniciação científica. Integrante do Núcleo de Estudos em Rádio da UFRGS. E-mail: fleckpaloma@gmail.com

⁷⁹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, Porto Alegre, RS. Coordenador do projeto de pesquisa *Dos Hertz aos bytes, uma história do rádio no Brasil* e orientador da bolsa de iniciação científica. Responsável pelo Núcleo de Estudos de Rádio, grupo de pesquisa certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: luiz.ferraretto@ufrgs.br

“A estação irradiadora Mayrink Veiga & Companhia, que há tempos começara a funcionar, foi radicalmente modificada e recomeçará a irradiar normalmente ainda esta semana” (A NOITE, 16 nov. 1925, p. 6)⁸⁰. O registro no jornal *A Noite* indica que o início das operações da Rádio Mayrink Veiga é anterior aos anos de 1926 e 1927, referidos na bibliografia existente como os da sua fundação. Observa-se que não há consenso nos próprios livros de história do rádio que citam o fato. Na sequência, outros dados como esse são apresentados buscando reconstruir os momentos iniciais da trajetória da estação montada inicialmente como um departamento da empresa de importação e exportação Mayrink Veiga & Companhia. Popularmente conhecida como Casa Mayrink Veiga, a loja era localizada na região portuária da Praça Mauá, na então rua Municipal, no Rio de Janeiro. A emissora teve tal impacto que, conforme Sonia Virgínia Moreira (2002-2003, p. 44), “alguns anos depois, a rua teve o nome trocado para o da rádio, desde então abrigada em prédio próprio, onde funcionou até o seu fechamento”.

Em termos de datas, é conveniente explicitar o que registram algumas obras a respeito. Pesquisadores não propriamente acadêmicos, os primeiros a oferecerem indicações, divergem a respeito do surgimento da Mayrink. Sérgio Cabral (1996, p. 10) observa que, no Rio de Janeiro, as rádios Sociedade e Clube do Brasil “atuaram sozinhas até janeiro de 1926, quando foi fundada a Rádio Mayrink Veiga”. Conforme o mesmo autor, a emissora chegaria a ser, na década seguinte, a de maior audiência na então capital federal (CABRAL, 1996, p. 39). Já o crítico musical José Ramos Tinhorão (1981, p. 44) aponta o ano de 1927, acrescentando que a emissora de propriedade da Casa Mayrink Veiga recebe, de início, o prefixo PRAK, logo substituído pelo PRA-9. Indicação idêntica faz o advogado, jornalista, radialista e, posteriormente, professor universitário Saint-Clair Lopes (1970, p. 37), o mesmo acontecendo com o também profissional de microfone Octavio Augusto Vampré (1979, p. 42). Uma das fundadoras do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Sonia Virgínia Moreira (1998, p. 61), aponta: “A história da rádio começou em 20 de janeiro de 1926, quando entrou no ar com o prefixo provisório SOAJ”.

⁸⁰ Este e os demais trechos de textos anteriores ao Acordo Ortográfico de 1990 tiveram sua grafia adaptada às normas atuais. Foram corrigidos, ainda, erros na utilização da Língua Portuguesa e/ou eventuais falhas de composição.

METODOLOGIA

A revisão de publicações impressas em jornais para realização desta pesquisa deu-se por meio de pesquisa junto à Hemeroteca Digital Brasileira⁸¹. Mantido pela Biblioteca Nacional, o acervo *on-line* de periódicos e documentos escaneados facilita o acesso a informações, permitindo a indicação de palavras-chave. O mecanismo oferece opções de busca por periódico, por região/local da publicação e por período. Esse último foi o método utilizado para a pesquisa. Para o estudo pretendido, o levantamento concentrou-se em jornais e revistas da década de 1920, usando uma combinação dos termos “rádio”, “estação” e “Mayrink Veiga”.

O passo anterior às buscas pelos documentos foi a realização de um levantamento bibliográfico sobre a história do rádio, a fim de conhecer os dados já existentes sobre o assunto, principalmente na década de 1920, foco desta pesquisa. Segundo Ida Regina C. Stumpf (2005, p. 52), a consulta à literatura pertinente é uma atividade que acompanha o investigador, ao mesmo tempo que orienta o caminho que deve ser seguido. Foi feita também a leitura de duas obras a respeito da Rádio Mayrink Veiga, as únicas localizadas e dedicadas exclusivamente à emissora. *PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro*, de Márcio dos Santos Nascimento (2002), é a reprodução da dissertação de mestrado do autor no curso de Memória Social e Documento da então Universidade do Rio de Janeiro⁸² (UNIRIO). Já *Pelas ondas da Mayrink*, de Norma Hauer (2011), tem cunho quase memorialístico.

Na fase de coleta de dados na Hemeroteca Digital, a revisão da literatura auxiliou para o entendimento do contexto histórico dos achados, ajudando a interpretar e explicar alguns dados localizados. Assim, foi-se ao encontro do que Stumpf (2005, p. 54) destaca: “Todo auxílio externo que conseguir é uma complementação à bagagem pessoal do pesquisador e um enriquecimento à análise que pretende elaborar”. Da pesquisa bibliográfica passou-se à documental, considerando-se como tal, pela especificidade dos objetivos, os periódicos. Os

⁸¹ O serviço pode ser acessado no endereço: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

⁸² Atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

resultados encontrados nos veículos impressos que correspondiam ao interesse da pesquisa foram coletados, sistematizados cronologicamente e contextualizados, o que sinaliza um caminho metodológico de análise documental. Seguiu-se, desse modo, duas recomendações de Moreira a respeito:

As Ciências Sociais valeram-se desde sempre da análise de documentos como peça de referência dos estudos sobre a sociedade, ao lado de outras técnicas de investigação. Para o historiador, o documento representa o fio da meada, indispensável referência para o correto registro histórico [...]. (MOREIRA, 2005, p. 269). Conforme explica a própria designação, a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim (MOREIRA, 2005, p. 271).

No caso, que fique bem claro, as publicações de época serviram como registro de fatos ocorridos, os quais não poderiam ser localizados de outra maneira. Cabe observar que, como destaca Sonia Virgínia Moreira (1998, p. 69), a Mayrink teve sua outorga cassada por motivos políticos em 26 de julho de 1965, nos primeiros momentos da ditadura instaurada no ano anterior, sofrendo um processo denominado por Nascimento (2002, p.139) como de “destruição massiva” de seus arquivos.

Conforme Moreira (2005 p. 276), a análise documental é muito mais do que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, funcionando como expediente para contextualizar fatos e momentos. A aferição de documentos é compreendida em dois momentos: primeiramente de coleta dos dados e, a partir disso, de análise crítica do material. As duas etapas se completam e se condicionam mutuamente, uma vez que os documentos são fontes de dados brutos e a análise tem a finalidade de atribuir aos achados um significado. A análise documental, de acordo com a autora, “consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos” (MOREIRA, 2005, p. 276).

CONTEXTO HISTÓRICO

Para compreender o momento do rádio brasileiro quando dos fatos aqui narrados, usa-se como referência o artigo *Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil* (FERRARETTO, 2012). Especialmente, considera-se a vigência de uma fase de implantação, a qual se estende do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930, correspondendo à instalação das estações pioneiras, organizadas sob a forma de entidades associativas. Aventa-se, no entanto, que a Mayrink, por se originar em uma empresa, pode apresentar características de transição para o tipo de emissora dominante já no período seguinte, marcado pela ascensão do rádio comercial como modelo hegemônico. Mesmo assim, suas transmissões iniciais – indicam os dados coletados – vão ao encontro de certo amadorismo reinante entre as estações dos anos 1920:

As transmissões ocorrem, em geral, à noite e em dias esparsos, sem uma continuidade entre um conteúdo e outro. Assim, à conferência científica seguem-se minutos de silêncio até que alguém, como se estivesse em um sarau em uma típica casa burguesa, apresente talvez um número de piano ou de violão, podendo ocorrer mesmo a afinação do instrumento à frente do microfone (FERRARETTO, 2009, p. 98).

Como destaca Maria Elvira Boavista Federico (1982, p. 49), a programação veiculada na época era composta por músicas eruditas e palestras de formação e instrução específicas. O caráter elitista já desagradava alguns dos que começavam a se dedicar ao novo meio. A respeito, Renato Murce, radialista que iniciou sua carreira em meados dos anos 1920, destaca que a programação com tal teor não permitia, nesta fase inicial, a popularização do rádio necessária para sua expansão: “Nada de publicidade, nada de música popular (em samba então, nem era bom se falar), nada daquilo que, de algum modo, desvirtuasse ou atingisse as boas intenções” (MURCE, 1976, p. 19).

O amadorismo do período é explicado também pelo tipo de curiosidade gerada pelo rádio no imaginário da parcela da elite brasileira atraída pela possibilidade de captar irradiações provenientes, inclusive, de outros países. Com o interesse crescente da burguesia brasileira pelo rádio, não demorou muito tempo para que empresas nacionais passassem a importar aparelhos para vender ao público. Um dos exemplos é a firma carioca de exportações e importações Mayrink Veiga & Companhia, que vendia equipamentos radiofônicos na popularmente

conhecida Casa Mayrink Veiga, onde, mais tarde, iria instalar a sua estação. Como chega a destacar o jornal *Correio da Manhã* (4 maio 1929, p. 11), a loja era uma das que mais contribuía com a difusão do novo meio, numa clara associação entre irradiações e comercialização de aparelhos:

Essa firma, uma das que mais tem contribuído para a difusão do radioamadorismo entre nós, mantém uma estação transmissora de 500 watts de potência instalada no seu estabelecimento comercial [...]. Nossos leitores, possuidores que são de receptores de rádio, têm sempre ocasião de apreciar o ótimo serviço de *broadcasting* que a firma Mayrink Veiga mantém [...]. A firma oferece aos seus visitantes o espetáculo do que há de mais perfeito e moderno em matéria de rádio e de fonografia, na associação de ambos, realizada pelo conjunto Pooley, composto de um receptor Atwater Kent, com alto-falante eletrodinâmico [...]. Encontram-se também representados no mostruário da firma Mayrink Veiga os receptores marca Day-Fan, de superior qualidade, assim como os aparelhos Stwater Kent, dos quais tem a representação.

É somente no início da década seguinte que o rádio brasileiro vai se transformar, de fato, em um negócio. A regulamentação da publicidade no meio pelo Decreto n. 21.111, de 1º de março de 1932, vai servir, então, como base para o desenvolvimento das emissoras comerciais, gerando uma série de situações para além dos objetivos deste artigo.

O SURGIMENTO DA RÁDIO MAYRINK VEIGA

Ao vender aparelhos radiofônicos, a Casa Mayrink Veiga teve a necessidade de criar uma estação própria para que os compradores tivessem mais uma emissora para sintonizar. Até então, o Rio de Janeiro contava com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923 por Edgard Roquette-Pinto, e o Rádio Clube do Brasil, criado por Elba Dias em 1924. Em uma escritura pública de reorganização da emissora, assinada em 1933, consta que Rádio Sociedade Mayrink Veiga foi fundada em 20 de janeiro de 1926. O documento encontra-se no Arquivo Nacional na Divisão de Documentos Escritos e foi transcrito por Márcio Nascimento (2002, p. 77-78):

Saibam quantos esta lerem que, no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1933, aos vinte e três dias do mês de maio, nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital da República dos Estados Unidos do Brasil, em um cartório perante mim, Alvaro Rodrigues Teixeira Tabetião, compareceram partes justas e contratadas como outorgantes e reciprocamente outorgados Antenor Mayrink Veiga, Lafayette Gomes Ribeiro e Joaquim Antunes; brasileiros, casados, domiciliados nesta capital e reconhecidos como os próprios pelas testemunhas no fim desta. Assinadas estas por mim, Tabetião, do que dou fé de me haver sido esta escritura distribuída pelo bilhete que fica arquivado. E, perante as mesmas testemunhas, pelos outorgantes e reciprocamente outorgados, me foi dito que, sendo únicos sócios da sociedade civil com sede nesta capital, sob a denominação de Rádio Sociedade Mayrink Veiga, fundada em vinte de janeiro de mil novecentos e vinte e seis, têm visto contratado reorganizar a mesma sociedade como pela presente para reorganizar passando a mesma a reger-se pelas disposições do código civil que lhe forem aplicáveis.

No entanto, como já foi exposto, há registros anteriores ao ano de 1926, com a denominação de Estação Mayrink Veiga, que indicam transmissões regulares anteriores à formalização da emissora descrita no documento localizado por Nascimento. A nomenclatura de “Estação” foi utilizada em divulgação da programação da rádio em jornais até o dia 24 de janeiro de 1926, transcrita a seguir:

A estação transmissora da firma Mayrink Veiga & Cia, instalada à rua Municipal n. 21, fará hoje, das 14 às 16 horas, a irradiação habitual de escolhidos discos. Com o concurso de festejados musicistas, a Estação Mayrink Veiga transmitirá, amanhã, das 19 às 21 horas, o seguinte programa [...] (A MANHÃ, 24 jan. 1926, p. 4).

A partir de 28 de janeiro, há a troca da denominação para Rádio Sociedade Mayrink Veiga, com a observação de que seria então uma estação experimental de transmissão da firma Mayrink Veiga & Cia. O endereço da rádio curiosamente também sofre uma mudança, passando de nº 21 ao 15, na rua Municipal, Rio de Janeiro.

A Rádio Sociedade Mayrink Veiga, utilizando-se da estação experimental de transmissão da firma Mayrink Veiga & Cia., instalada à rua Municipal, n. 15, irradiará hoje, quinta-feira, das 19 às 21 horas,

interessante programa litero-musical, em que tomam parte a escritora senhora Rosalina Coelho Lisboa e os musicistas senhorita Cecilia Rudge e senhor Adacto Filho (O JORNAL, 28 jan. 1926, p. 8).

Afirmando o funcionamento da Mayrink Veiga anterior ao ano de 1926, o primeiro indício que foi encontrado aparece no jornal *A Noite*, edição de dia 16 de novembro de 1925, e indica transmissões anteriores que haviam sido interrompidas para realização de modificações da emissora. O periódico registra que as irradiações vão incluir “músicas, canto e notícias” (A NOITE, 16 nov. 1925, p. 6), ocorrendo das 18 às 20h:

A estação irradiadora Mayrink Veiga & Cia., que há tempos começara a funcionar, foi radicalmente modificada e recomeçará a irradiar normalmente ainda esta semana. Foi aumentada sua força para 50 Watts e a sua onda para 260 metros. A Estação Mayrink Veiga irradiará diariamente notícias de interesse geral, que lhe serão fornecidas pela *A Noite* [...] (A NOITE, 16 nov. 1925, p. 6).

Como se verifica, o jornal *A Noite* não só foi um importante divulgador da programação da Mayrink Veiga nesta época, como também era fonte das notícias que iam ao ar ao microfone da rádio no início da noite. Curiosamente, mais tarde, em setembro de 1936, o grupo que editava o vespertino iria inaugurar uma emissora própria, a Rádio Nacional, a grande concorrente da Mayrink Veiga (FERRARETTO, 2007, p. 110).

A edição de *A Noite* do dia 7 de dezembro de 1925 divulga a inauguração oficial da Estação Mayrink Veiga, que aconteceria naquele dia. Neste trecho publicado na página 6, o periódico destaca a preocupação da emissora em realizar uma programação especial de inauguração, mesmo não sendo, de fato, a sua primeira transmissão. O evento aconteceria naquela tarde com uma palestra da escritora e ativista política Rosalina Coelho Lisboa. Além disso, explicita a realização de irradiações anteriores a esta data, incluindo noticiários do Campeonato Sul-americano de Futebol:

Com um programa variado e muito interessante, será oficialmente inaugurada, hoje à tarde, a estação irradiadora da firma Mayrink Veiga. Há já muitos dias, como aliás os leitores sabem, pois o noticiamos, que a estação Mayrink Veiga está funcionando

normalmente e com absoluto êxito. Por seu intermédio, já em dois domingos foram irradiadas as informações que *A Noite* recebeu de Buenos Aires, do seu enviado especial, sobre os jogos do Campeonato Sul-americano de Futebol. Tornava-se, porém, necessário fazer a inauguração oficial dessa estação, que se pode considerar nacional, pois que foi montada, inteiramente, na seção de rádio daquela acreditada firma. Entre os números do programa de inauguração consta uma palestra pela notável escritora senhora Rosalina Coelho Lisboa. O programa da inauguração da estação Mayrink Veiga será irradiado das 3 horas às 5 da tarde (*A NOITE*, 7 dez. 1925, p. 6).

Ainda em dezembro de 1925, no dia 17, a programação da Mayrink Veiga foi capa do periódico *O Jornal*. O destaque trazia informações de que seria irradiado naquela quinta-feira um noticiário a respeito do jogo entre as seleções de futebol do Brasil e do Paraguai, no Campeonato Sul-americano. As informações eram do correspondente do jornal *A Noite*. Pelo descrito, especula-se que a transmissão das informações da partida tenha ocorrido com base na leitura de telegramas enviados de Buenos Aires pelo repórter ao vespertino e que eram lidos ao microfone da emissora. Em uma programação diversificada, no mesmo dia ainda seria irradiada mais uma palestra com a escritora Rosalina Coelho Lisboa, além de apresentações de música clássica.

A estação transmissora da firma Mayrink Veiga & Cia., com onda de 260 metros, irradiará, hoje, o noticiário do encontro das seleções brasileira e paraguaia, em Buenos Aires. A partir das 19 horas, será irradiado um programa literário-musical, em que tomarão parte a escritora Rosalina Coelho Lisboa e as senhoritas Olga Flores e Gizella de Souza, que executarão solos de violino e piano. (*O JORNAL*, 17 dez. 1925, p. 1).

Rosalina Coelho Lisboa é destaque em inúmeras programações irradiadas pela Mayrink Veiga e divulgadas nos jornais encontrados para pesquisa. Trata-se de uma escritora e ativista contrária às oligarquias da República Velha, que discursava a favor dos tenentistas, pleiteava a participação da mulher na política e, no futuro, defenderia o levante da Revolução de 1930 (PANTOJA, [s.d.]). Nas divulgações da programação da Rádio, eram utilizados adjetivos como

“a festejada escritora senhora Rosalina Coelho Lisboa” (A MANHÃ, 24 dez. 1925) e era descrita também como uma “distinta colaborada” da emissora (A NOITE, 24 dez. 1925, p. 2).

Apesar de possuir apenas duas horas diárias de programação, a Mayrink Veiga, no início de 1926, já se estruturava com transmissões irradiadas nacionalmente. No dia 17 de janeiro, *O Jornal* publicou na coluna *Radiversas* uma nota elogiando a transmissão da emissora, que era ouvida com nitidez pelos “amadores da T.S.F⁸³ em todo o território do nosso país” (O JORNAL, 17 jan. 1926, p.7). Esta mesma coluna dedicada a radioamadores expôs, no dia 29 de janeiro, um pedido de *radiomaníacos* direcionado aos donos da Mayrink Veiga. A solicitação era para que a Mayrink mudasse os horários de programação de seus concertos, a fim de não coincidir com programas de outras emissoras cariocas, principalmente da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com a qual havia sobreposição de faixa de transmissão no período das 21h às 22h. Em uma época na qual as emissoras ainda não eram comerciais – ou seja, não concorriam entre si por lucros advindos de publicidade –, as transmissões no mesmo horário era vistas como um desperdício.

Amadores da boa música e radiomaníacos fervorosos, vimos apelar para Vossa Senhoria que, com tanto carinho e brilho vem pela seção de rádio d’*O Jornal* concorrendo, visivelmente, para a educação artística do nosso povo, para que seja o nosso intérprete junto à conceituada firma Mayrink Veiga & Cia., para o fim de que esta modifique apenas os dias dos seus magníficos concertos de forma que os amadores de rádio possam ouvir sem perder programas das outras estações transmissoras da nossa capital. A excelente estação dos senhores, Mayrink Veiga & Cia., irradia às segundas e quintas-feiras, das 19 às 21 horas, magníficos programas artísticos, de música e canto e belas letras, que são ouvidos, com máxima atenção, por todos quantos se interessam pela cultura da nossa gente, e que não se cansam de aplaudi-los, elogiando sempre o gosto elevado que preside a organização de tais horas de gozo espiritual. Acontece, porém, que, às segundas-feiras, das 20 às 22 horas, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro faz difundir, da sua estação, ótimos programas, tão interessantes como os da firma Mayrink Veiga & Cia., coincidindo que, das 20 às 21 horas, as duas poderosas

⁸³ Telefonía sem fio, expressão que, embora imprecisa, servia como sinônimo para o rádio em seus primeiros anos. Essa modalidade, de fato, identifica a conexão por ondas eletromagnéticas para mensagens de voz simultaneamente trocadas entre dois pontos, enquanto rádio designa o meio que conecta, em um único sentido, a estação emissora com diversos outros pontos exclusivamente de recepção.

estações irradiam juntas, deixando em sérias dificuldades o radioamador, tal o interesse que despertam ambos os programas. Pela rápida exposição acima, verificará o paciente amigo e digno redator [...] que nosso mais ardente e sincero desejo é não perder nenhuma das irradiações artísticas feitas pelas nossas três mais importantes estações de *broadcasting*. Alvitramos, então, caso haja outra solução melhor, o seguinte:

– A firma Mayrink Veiga & C. mudará seu programa de segunda-feira para outro dia de maneira a coincidir com um dia de concerto do Rádio Clube do Brasil, que difunde os seus programas artísticos das 21 horas em diante. Essa mudança poderá ser feita para os sábados, por exemplo, que são meio feriados. Teremos, assim, o prazer de ouvir, nesses dias, boa música, excelentes palestras literárias e magníficos números de canto, das 19 às 23 horas. (O JORNAL, 29 jan. 1926, p.7).

Em maio de 1926, já reformulada como Rádio Sociedade Mayrink Veiga, a emissora foi elogiada no jornal *A Noite* pelo repertório de seus concertos. O periódico registrava irradiações até de música árabe, “tão pouco conhecida” (A NOITE, 17 maio 1926, p. 4) e que teria atraído interesse do público. De acordo com o diário, os musicais da Mayrink Veiga estavam “dando lisonjeiro sucesso” (A NOITE, 17 maio 1926, p. 4) à emissora. A seleção de músicas era organizada pela revista *Brasil Musical* e transmitia ainda canções italianas e portuguesas, além de música sacra e brasileira, essa última, de acordo com o jornal, ainda enfrentava resistência para ser transmitida em rádios. Anos mais tarde, na década de 1930, a emissora foi pioneira com relação aos programas de variedades, recrutando alguns dos principais astros e estrelas do cenário musical e, dessa forma, “alimentando e renovando o arsenal de talentos dos mais variados gêneros” (NASCIMENTO, 2002, p. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da data da primeira transmissão da Rádio Mayrink Veiga ainda ser uma dúvida a ser esclarecida, este artigo expôs dados publicados em jornais que indicam um funcionamento da emissora anterior a 1926, tido como da sua fundação em documentos oficiais e na literatura existente. No ano anterior, 1925, a estação já transmitia diariamente uma programação que incluía notícias, músicas e palestras com temas diversos. A inauguração oficial aconteceu, segundo

reportado em jornais, no dia 7 de dezembro de 1925. Esta foi a data escolhida para a realização de um evento especial, mesmo que a emissora daquela loja já transmitisse com certa frequência anteriormente.

Com base neste estudo, pode-se aventar que a emissora tenha sido montada inicialmente como uma estação não-regular da Mayrink Veiga & Companhia para demonstração e comercialização de receptores. A partir de 1926, apontam os indícios existentes, a emissora foi regularizada, trocando de nome de Estação Mayrink Veiga para, como suas congêneres da fase de implantação, Rádio Sociedade Mayrink Veiga.

Da emissora que se destacou no cenário do rádio, não sobraram arquivos. Como aponta Márcio Nascimento (2002), após a cassação da outorga, houve sistemático processo de destruição do acervo da estação, criando-se um lapso na memória cultural do país. Segundo Sônia Virgínia Moreira (2002-2003, p. 47), o prédio onde funcionou a Mayrink havia se transformado, no início do século 21, em “uma garagem totalmente depredada, sem portas, janelas sem vidros, sem pintura, lâmpadas ou qualquer tipo de cuidado” e quem passasse pelo local jamais conseguiria supor que, ali, funcionara uma rádio. Os achados expostos neste artigo têm o objetivo, portanto, de contribuir para o resgate da trajetória desta importante emissora carioca e para a contextualização histórica do rádio brasileiro em si. Neste sentido, a Hemeroteca Digital Brasileira e sua ferramenta de busca constituem-se em importante instrumento de trabalho. Acredita-se, no entanto, que ainda há muitas lacunas abertas sobre as várias fases da Rádio Mayrink Veiga para serem exploradas e investigadas.

REFERÊNCIAS

A ESTAÇÃO Mayrink Veiga irradiará o jogo de hoje, em Buenos Aires. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 dez. 1925, p. 1.

CABRAL, Sérgio. **A MPB na era do rádio**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **ESTAÇÃO Mayrink Veiga**. **A Noite**, Rio de Janeiro, 16 nov. 1925, p. 6.

ESTAÇÃO Mayrink Veiga. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 24 dez.1925. Recorte sem identificação de página.

ESTAÇÃO Mayrink Veiga. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1926, p. 4.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – O veículo, a história e a técnica**. 3.ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio e capitalismo no Brasil: uma abordagem histórica. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (Org.). **Economia política, comunicação e cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009, p. 93-112.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. XIV, n. 2, maio/ago, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, ano 2, v. 3, n. 1, jan./jun. 2013, p. 11-20.

HAUER, Norma. **Pelas ondas da Mayrink**. Rio de Janeiro: Quártica Premium, 2011.

LOPES, Saint-Clair. **Radiodifusão hoje**. Rio de Janeiro: Temário, 1970.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

MOREIRA, Sonia Virgínia. A porção carioca do rádio brasileiro. **Revista USP**, São Paulo: Universidade de São Paulo, dez. 2002, jan./fev. 2003, p. 42-47.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 269-279.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NASCIMENTO, Marcio. **PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.

OS concertos da Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 17 maio 1926, p. 4.

PANTOJA, Sílvia. Rosalina Coelho Lisboa. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rosalina-coelho-lisboa-larragoiti>. Acesso em: 13 abr. 2018.

PROGRAMA da estação Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 24 dez. 192, p. 2.

RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1926, p. 8.

SEM fio. Ainda a Grande Exposição do Cassino Beira-Mar. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, maio de 1929, p. 11.

SERÁ inaugurada hoje a estação Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1925, p. 6.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular, do gramofone ao rádio e TV**. São Paulo: Ática, 1981. 218p.

UM JUSTO apelo à Estação Mayrink Veiga. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 29 jan. 1926, p.7.

VAMPRÉ, Octavio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da TV**. Porto Alegre: Feplam/RBS, 1979.